

O silicone do mal

Publicado no O Globo em 24 de janeiro de 2012

Alfredo Guarischi, médico

Na medicina não existe sempre nem jamais. Esta é a profissão das certezas passageiras. Lutar contra as doenças exige longos estudos. A ética e o compromisso social são mais importantes do que resultados imediatos ou interesses comerciais. Está em nosso código.

A reconstrução da mama começou em 1895 com a injeção de gordura da própria paciente. Muitas mudanças ocorreram desde então. A partir de 1963 novas próteses mamárias foram desenvolvidas e aprovadas. A maioria dos implantes (80%) é para fins estéticos. A busca por seios menores envelheceu. As próteses permitiram seios cada vez maiores. Mas, como não existe perfeição, algumas podem eventualmente se romper. Não faltam normas para o diagnóstico e tratamento desta complicação. E vida continua.

Eis que 12 países foram vítimas de criminosos disfarçados de empresários. Utilizaram silicone industrial, mais barato. Coisa de bandido. A ausência de fiscalização levará a um “recall” mundial. As autoridades sanitárias francesas deram o alarme. Milhares podem ter recebido “peças” com defeito. Viramos baterias que explodem. Doce ilusão achar que o fabricado no exterior é sempre melhor ou mais barato.

Mas saúde é “business”. Nos EUA representa 16% do PIB. Na França, 9%. No Brasil passamos dos 8%. Ao conferir a conta, nosso IBGE constatou que quase 60% do gasto sai do bolso de quem possui plano de saúde privado — apenas 30% dos brasileiros. A maioria da população (70%) só tem direito ao SUS, “sustentado” pelos 40% do dinheiro restante. Com isso a conta fecha, mas não atende as reais necessidades.

Como não existe almoço grátis, o silicone gerou perguntas: quem vai abrir a carteira? A maioria das cirurgias foi estética, realizada sem cobertura de seguro privado e paga diretamente pelo paciente. Reoperar essas vítimas vai ter custo, no bolso e no coração.

Por que os médicos não relataram o “malfeito”? Faço a defesa: não se omitiram. Talvez a voz tenha sido baixa, o endereço errado ou quem escutou estivesse com cera no ouvido. Mas, cá entre nós, falta no Brasil uma política de segurança do paciente mais adequada. Não há um cadastro nacional para os outros milhares de implantes realizados anualmente. Estes também estão sujeitos a falhas. Uma sugestão é copiar o cadastro de armas e munições. Qualquer semelhança, no uso ou mau uso, não será mera coincidência. Recorrendo aos técnicos da Receita, que a cada ano demonstram competência na arrecadação dos impostos, economizaremos nas necessárias adaptações.

Nosso sistema de saúde consegue conviver longe da zona (no duplo sentido) do euro ou da Agência de Administração de Medicamentos americana. Estes “desenvolvidos” passam por grandes escândalos. Desconfio que têm a carne fraca. É importante capacitar nossos centros de pesquisas, pois precisamos de fiscalização científica e não apenas de papéis. O Brasil tem competentes profissionais para esta missão. Basta um chamado, uma adequada contrapartida, como tudo na vida, e um brado retumbante.